TATIANA PASTORELLO

MULHERES FORTES NÃO GANHAM FLORES

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2024

MAIS NUA QUE DESPIDA

No princípio, achei que não me desejasse mais. Atribuí às minhas carnes cedidas e à pele amassada seu afastamento. Fui, então, reconhecendo seu contorno no sofá, a forma como se coçava sem vontades. Um tornar-se almofada, aguardando sabe-se lá o quê. O fogo que nos consumia reside ainda nas minhas cavidades, nos espaços entre as costelas. Dele, despediu-se. Já não há mais.

Bodas de ouro. Brindamos com espumante francês. Os filhos nos cercando, como se fôssemos bebês no batismo. Não casei virgem, antes de Ícaro tive alguns namorados. E, com cada um, vivi boas experiências. Desenhei monogramas com a caneta no papel, rabiscados no desespero de nunca mais na vida amar, dramas de uma estação. Ciclo encerrado na chegada deste homem enorme, cheiroso, de mãos gulosas, caçando-me a todo instante. Inventava desculpas para voltar mais cedo do trabalho, ou sair mais tarde, e me encurralava pelos cantos da casa, atrasava o almoço, saliva nos cabelos. A cama? Nem fazia.

Agora, é ele ali, um jeito murcho, o som da TV, banhos esparsos, o cheiro disforme do suor. E eu aqui. Filhos e netos à espera que eu aprenda tricô. Prefiro me valer do chuveirinho do

banheiro. Desviei dessa moda de depilação higiênica. Meus pelos, mantenho selvagens, sob esta face domesticada de DonaDeCasaMãeAvó. Rarearam com os anos. Os restantes seguem atentos, acolhendo as águas que derramo em calcinhas sem renda.

Crise reumática o quê? Tenho é tesão agarrado nos ossos.

A primeira vez tremi inteira, não o tremor esperado, do regalo. O tremor do inesperado. Ansiava ser só dele, sempre dele. Idealizei nossa história para além do fim dos tempos. E ainda é. O dengo está no café da manhã quando ele serve a xícara para *sua flor*. Quando acaricia meus cabelos ao passar pela sala e me beija a testa.

Dizem que, no Egito Antigo, as esposas eram enterradas junto aos faraós. Elas, alguns escravos, riquezas. Morre ele, morrem todos. Fiquei nesta dúvida se também teria acabado para mim. Era o caso de nos separarmos? É uma companhia tão agradável. A gente gosta de sentar no banco grande do quintal, à sombra da mangueira, conversar sobre a situação do Afeganistão, o preço do gás, a comida do cachorro que não tarda acabar, o Enem da neta para uma profissão desconhecida, inexistente em nossa juventude, o novo namorado do filho caçula, a sina de plutão como planeta-anão, o cardápio do almoço, a queda iminente do capitalismo. Faltava o sexo. Sentia o balanço das mãos. Não era Parkinson. Eram fagulhas engolidas. Farfalhar mastigado. Era eu querendo sem o querer dele. Minhas placas tectônicas sobrepostas, fazendo o chão tremer. Ele, barquinho a deslizar no macio azul do mar.

Lê passagens do livro que o arrebatou. Sua voz, um relâmpago. Está vivo. Não troveja mais por mim. Quis arrumar pretextos, reclamei da toalha na cama e do pijama embolado no cesto para lavar. Pediu desculpas. Fez um afago. A cama

seguiu ancorada, uma vazante sem trégua. Queria o arfar no ouvido, o conter dos quadris, a gargalhada se um osso estala na hora errada. Faltava tanto. Gozava em flagelo.

Resta sentir o prazer num cocô. O jagunço saindo, roliço e pujante. Gemer mais gostoso do que se espera nesta hora. Fechar os olhos, tensionar o corpo e depois relaxar macio.

Talvez, se ficasse viúva, resolveria a dor lombar, a dor ciática, a dor cervical. Encolheu-me o baço só pela ideia. Gosto desta presença serena. Do que nutrimos entre nós por tantas décadas, minuto a minuto. Podia só de vez em quando trincar esta vontade de mandar brasa.

Saí de casa com a decisão de um tatu em terras de grilagem. Tinha destino certo. Latejava úmida ante a sentença. O calor num ponto morto, marcha engrenada. Calça jeans justa, o melhor decote encontrado entre blusas de elastano estampadas. Quando comecei a me vestir desse jeito? Com dificuldade de dobrar o corpo, calcei as botas de salto quadrado, as tachinhas na lateral. Doeu ficar em pé. Tomei dorflex e caminhei fingindo gingado. Ardia-me o quadril.

Cabeça erguida, como lembrava do membro do marido, atravessei a porta preta. De trás de um balcão envidraçado, me olhou um rapazote ou moçoila, difícil definir. Fala macia, mescla de cores numa blusa brilhosa de paetês. Parecia vir direto. De onde? Não importa. Recebeu-me com a boca meio torta. Se sorria, era impossível decifrar.

— Busca um presente?

Mais nua que despida, falei num jato, como se ejaculasse o pedido:

— Por gentileza, um vibrador. Que não me endureça as juntas!

CHÁ DE ERVAS

Mastruz, confrei, arnica, arruda.

Cheiro de mato. Quem garante serem essas as ervas no pacote? Vai que o erveiro mentiu, e tem só capim seco? Pura enganação.

Ferveu tudo, abafou. Sem pensar, pegou uma caneca. Justo a com bichinhos abraçados e melhor mãe do mundo em letras cursivas. Nunca definiu se eram corujas ou raposas. Mãe e filha enroscadas num abraço. Essa não dava. Devolveu. Pegou a branca com flores, lasca na borda, o fundo com mancha escura de café. Um dia deve ter sido bonita. É essa mesmo.

Na leiteira, o líquido ferve. Um prato de sobremesa faz as vezes de tampa e abafa o preparado. Suspira fundo antes de coar antevendo o sabor desagradável. Talvez uma colher de sopa de mel, para deixar mais palatável. Tomara não corte o efeito. Capaz de passar mal. Nunca fez nada parecido. Dói estranho. Nem tanto pelo chá, e sim porque a irmã, lá do outro lado do país, chora a perda da barriga. O bebê que permanece ideia. Pensa em gerar este, sem certeza se realmente o tem, e dar de presente. Um laço eterno entre as duas. A barriga que produz filhos não desejados. Só respirar diferente e já tá embuchada, mesmo sem

querer. Na barriga da outra, não vinga, por tanto que sonhe. Mãe boa seria a irmã: disponível, abnegada. A melhor do mundo. Coisa podre o destino. E tem quem credite a Deus. Se deus existe, é um cretino! Debochado. Sarcástico.

Dá um primeiro gole no líquido fervendo. Tudo é amargo, da goela à coxa. Nos quadris largos, pariu quatro. Na buceta flácida, coiteira. Gosta da brincadeira, não desses fins intempestivos. E se dessa vez vem o menininho? Afasta com irritação o pensamento bestado. De onde surge uma esculhambação dessas? Já tem quatro para criar. Pai não tem, não ficou nenhum.

A irmã tem marido, casa própria, carimbo na carteira. A mãe perfeita!

Ela naquele miserê, naquele correr atrás. Tanta boca para alimentar e um diazinho no pagode. Deixou Jeniffer cuidando das menores. Um diazinho só. Tá ela ali agora, no chá de mastruz, confrei, arnica, arruda. A rezadeira. O deusmelivre.

Se deus existe, é um cretino!

Engole o chá, o choro, a vida.

O BALDE

Achei que não chegava aos trinta, era muita carestia sabe? Agora cê vê, cheguei aos setenta e estou essa velha inteirona. As costas doem, o joelho reclama, mesmo assim, não posso queixar. A vida melhorou demais. Essa casa era bonita assim não. Um cômodo só. Nem caiada era. Morava eu, marido, as duas filhas e o filho varão. Todo mundo neste espacinho que agora é a sala. Aqui nós dormia, comia, cozinhava. Tudo, tudo. Banheiro? Era umas parede de telha aprumada ali fora, onde agora estão as galinha. No quintal, tão enterrado os anjinho que não vingaro.

O marido plantava, fazia bico de pedreiro. Eu faxinava, cuidava de menino, e ainda fazia um doce de umbu que os minino vendia lá na vila, depois da aula. Foi um tempo difícil mesmo.

Esse balde me lembra disso todo dia. Teve vez da gente ter só umas mandioca nascida, nesse quintal, que eu plantava mais Janete, a filha caçula. Umas mandioca mirrada era a comida do dia todinho. A gente comia devagar, pra parecer que comia mais. Na época de seca, andava mais de meia hora pra buscar água no rio. Fazia esse percurso muitas vezes por

Auroras é um selo da editora Penalux dedicado exclusivamente à publicação de mulheres.

E-mail
auroras@editorapenalux.com.br

Instagram
@seloauroras

Mulheres fortes não ganham flores,
escrito de mulher da
Revolução Literária.

4ª temporada Auroras

Livros iluminam

Este livro foi composto em Minion Pro
pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em janeiro de 2024.